

NENO VASCO POR NENO VASCO: A ESCRITA CRONÍSTICA COMO ESCRITA DE SI NA BIOGRAFIA DE UM ANARQUISTA

Thiago Lemos Silva¹

RESUMO: Neste trabalho, trago à tona as crônicas de Neno Vasco que foram publicadas no livro *Da porta da Europa* e na imprensa anarquista e operária do Brasil e de Portugal. A partir de sua escrita cronística, pretendo levantar questões teóricas e conceituais sobre a forma como Neno constrói a si em sua trajetória individual e coletiva. Embora essa escrita fosse prioritariamente uma narrativa, utilizada para informar e debater com os leitores brasileiros e portugueses a respeito da luta cotidiana levada a cabo pelo movimento anarquista e operário em diferentes países da Europa, ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de escrita de si, o que permitiu encontrar uma chave para abrir não apenas a porta da história do movimento anarquista e operário no continente europeu, mas principalmente da sua história de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Neno Vasco. Crônicas. Escrita de si.

ABSTRATC: In this work, I bring up the Neno Vasco's chronicles that were published in the book *Da porta da Europa* ("From Europe's door") and in the anarchist and working press in Brazil and Portugal. Through his chronicle writing, I intend to raise theoretical and conceptual issues about how Neno made himself in his individual and collective path. His writings were primarily used to inform and discuss with Brazilian and Portuguese readers about the daily struggle carried out by the anarchist's and worker's

¹ Graduado em História pelo Unipam (Centro Universitário de Patos de Minas) e Mestre em História pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia). É pesquisador do Nephispo (Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política) e do Nelira (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Historiografia e Crítica Literária).

movements in different countries of Europe. Nevertheless, his chronicles also offered Neno Vasco some kind of self *writing* (“escrita de si”), which allowed me to find a key to open not only the door of the worker’s and anarchist’s movements in Europe, but mainly of his life’s history.

KEYWORDS: Neno Vasco. Chronicles. Writing itself.

Não faltam lá anarquistas [...] inteligentes, dedicados e sinceros. Não são tão pouco desunidos. Em São Paulo, por exemplo, deixei com profundíssima saudade, um ambiente cordial e amável, e senão isento de pequenas questões sem alcance – o que seria sobrehumano – ao menos desembaraçado de baixas intrigas, franco e acolhedor. Não conheço camarada que o tenha abandonado sem verdadeiro pesar.²

Escrevendo estas linhas para uma crônica publicada n’ *A sementeira*, Neno Vasco³ revelou aos leitores do periódico lisboeta sua consternação ao deixar os companheiros com os quais compartilhou a militância por uma década no Brasil. No início de 1911, quando Neno decidiu retornar a Portugal, já era um militante bastante conhecido dentro e fora dos círculos de militância anarquista e operária, já havia se casado com Mercedes Moscoso⁴,

² VASCO, Neno. O movimento anarquista no Brasil. *A Sementeira*. Lisboa, maio de 1911. p.2.

³ Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos, nasceu em Penafiel, norte de Portugal, em 09 de maio de 1878 e faleceu em 15 de setembro de 1920, em São Romão do Coronado, perto do Porto. Cf. VASCO, Neno. *Dicionário histórico-biográfico do(s) anarquismo(s) no Brasil*. Uberlândia: Mimeo, 2000. p. 103. Neno Vasco passou a utilizar esse pseudônimo somente após seu ingresso no movimento anarquista e operário em Portugal, por volta de 1900. Antes, atendia pelo nome de batismo. Cf. VASCONCELOS, Nazianzeno de. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopedia Ltda., s/d. p. 306.

⁴ Neno Vasco se casou com Mercedes Moscoso em 1905. Cf. VASCO, op. cit., p. 103.

era pai de três filhos (Ciro, Fantina e Ondina)⁵ e possuía emprego fixo como tradutor de línguas em casas comerciais de São Paulo. Neno acreditava, entretanto, que seu retorno a Portugal poderia facilitar o contato com outras figuras anarquistas do continente europeu e que, assim, contribuiria de forma mais dinâmica e eficaz com ação e propaganda a nível internacional. Neno sentia que, por conta da queda da Monarquia e da instalação da República em Portugal,⁶ ele não deveria adiar sua volta para não prorrogar ainda mais um projeto que o perseguia já há algum tempo.

Chegando a Lisboa, Neno não encontrou empecilhos ao procurar certas personalidades engajadas com o anarquismo português. Na realidade, estes eram, em sua grande maioria, seus missivistas de longa data, desde quando ele ainda se encontrava no Brasil. Foi, aliás, graças a essa correspondência, escrupulosamente mantida ao longo de quase dez anos, que ele conseguiu algum espaço editorial nas primeiras folhas anarquistas de Portugal. Apesar disso, a visibilidade que ele iria adquirir nos próximos meses nem se comparava à de outrora. Rapidamente, Neno conseguiu um destaque invulgar e se envolveu com os principais periódicos de cariz anarquista e operário da imprensa portuguesa.

No entanto, isso não significou que sua militância no Brasil tenha findado. Pois, mesmo depois de ter retornado a Portugal, Neno continuou a participar da imprensa anarquista e a interagir com o movimento operário brasileiro:

Assim como se fala, escreveu Neno Vasco, de aproximações comerciais e políticas, de missões diplomáticas e intelectuais, assim, nós devemos encarar e realizar uma união – não na forma, muitas vezes vazia, mas no que constitui a essência, a carne, o sangue,

⁵ Ciro nasceu em 190-?, Fantina nasceu em 1908 e Ondina em 1910. Isso se excetuarmos seu filho Dino, que faleceu logo após nascer em 1909. *Ibidem*, p.104.

⁶ A República portuguesa foi instaurada em 05 de outubro de 1910. FREIRE, João. "Estudo introdutório" In: VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Porto: Afrontamento, 1984, p. 40.

dessa aliança – a incessante troca de recursos de toda espécie. Nessa permuta de ideias, de correspondências, de publicações, de contribuições pecuniárias – e sobretudo de homens, para o conhecimento direto e pessoal dos ambientes e indivíduos – muito terão a ganhar o movimento anarquista de Portugal e o do Brasil.⁷

Partindo de tal premissa, ele atuou como uma espécie de “diplomata” entre os companheiros situados do lado de cá e do lado de lá do Atlântico. Através de uma atividade jornalística constante e diversificada em periódicos brasileiros e portugueses, Neno Vasco colaborou para a construção de um locus de intensos debates envolvendo diferentes estratégias de combate ao capitalismo nos meios anarquistas e operários dos respectivos países, materializando uma união entre Brasil e Portugal. Dessa atividade, que abarca ensaios, poesias, peças de teatro, contos, traduções e resenhas literárias, destacam-se suas crônicas, nas quais ele compartilhou com seus leitores por quase dez anos sua

apreciação de alguns dos fatos mais salientes da agitada vida social moderna e do período em que Portugal [e Europa] entrou [entraram] nestes últimos [...] anos, feita por um critério que não é o dos partidos políticos em luta a volta do poder, nem tampouco o dos céticos pessimistas extra-partidários, deve interessar os próprios adversários sinceros ou pelo menos os espíritos independentes e livres de sectarismos.⁸

Neste trabalho, trago à tona suas crônicas que foram publicadas no livro *Da porta da Europa* e na imprensa anarquista e operária do Brasil e de Portugal. A partir de sua escrita cronística, pretendo levantar questões teórico-conceituais sobre como Neno constrói a si (prática de subjetivação) através de sua

⁷ Id., 1911.

⁸ VASCO, Neno. *Da Porta da Europa*. Lisboa: Biblioteca Libertas, 1913, p. 1. Embora essa citação remeta ao posicionamento do autor em relação as suas crônicas publicadas até 1913, acredito que esse posicionamento era extensivo as suas crônicas publicadas até 1920, data de seu falecimento.

trajetória individual e coletiva. Essa escrita era prioritariamente uma narrativa utilizada para informar e debater com os leitores brasileiros e portugueses a respeito da luta cotidiana levada a cabo pelo movimento anarquista e operário em diferentes países da Europa. Ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de “escrita de si”, o que permitiu que fosse encontrada uma chave para abrir não apenas a porta da história do movimento anarquista e operário no continente europeu, mas também, e, sobretudo, a porta da história de vida desse escritor.

O presente artigo encontra-se dividido em três partes. Na primeira, interrogo o lugar ocupado pela biografia no interior da historiografia em geral e da historiografia brasileira do movimento anarquista e operário em particular, com o intuito de situar a biografia de Neno Vasco. Na segunda, discuto a forma que a crônica assume sob sua pena, um gênero literário situado nas fronteiras da atividade artística e militante. Na terceira, levanto questões relacionadas à escrita crônica como escrita de si do personagem ora biografado.

O individual e o coletivo na biografia de Neno Vasco: diálogos historiográficos

Na realidade, a ideia de escrever um trabalho biográfico sobre Neno Vasco surgiu devido à convivência com colegas e professores do Curso de História do Unipam (Centro Universitário de Patos de Minas) e pela oportunidade de participação em alguns seminários do Nephispo⁹ (Núcleo de Estudos em História

⁹ O Nephispo surgiu com o propósito de discutir as relações tecidas entre razão, sentimentos e sensibilidades no processo de resignificação da História Política. Nesse sentido, esse núcleo sempre abrigou pesquisas e pesquisadores sobre anarquismo. Não por acaso, quando da sua criação em 1994, contou com a presença do anarquista Jaime Cubero, então secretário do Centro de Cultura Social de São Paulo, que foi convidado para palestrar sobre “Razão e Paixão na experiência anarquista”. Desde 2010, a professora Jacy Alves de Seixas, coordenadora do referido núcleo, tem organizado as jornadas de discussão “Noitadas Anarquistas”, voltadas para o debate e a reflexão sobre a história e a historiografia do anarquismo e sua contemporaneidade.

Política) do Instituto de História da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) no decorrer e após a conclusão de minha graduação em História. Naquele momento, tal convivência, permeada por várias discussões, foi, inclusive, um estímulo para o desenvolvimento e a escrita da monografia sobre as relações tecidas entre o movimento anarquista e o movimento operário no contexto da chamada Primeira República Brasileira.¹⁰

Em meu trabalho monográfico final,¹¹ eu indaguei, basicamente, qual teria sido a posição assumida pelos anarquistas face ao *boom* das organizações sindicais criadas e mantidas pelo jovem proletariado brasileiro, compostas por trabalhadores imigrantes e nacionais. Afinal, havia uma expectativa de levar a cabo sua resistência contra o nascente capitalismo industrial, que impunha duras condições de vida à classe operária, tais como: baixos salários, longas jornadas diárias, condições inadequadas de trabalho e, aliada a isso, uma superexploração da mão de obra infantil e feminina.

Recorrendo a fontes de origem bastante diversificada,¹² foi possível perceber que os anarquistas sindicalistas e os anarco-comunistas, que formavam “as duas correntes mais expressivas”¹³ do movimento anarquista junto aos trabalhadores, não estavam

¹⁰ Refiro-me, aqui, especificamente às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde, em maior ou menor medida, os anarquistas eram presentes e atuantes no movimento operário.

¹¹ SILVA, Thiago Lemos. *Alcances e limites da ação sindical: ecos da crítica de Errico Malatesta no movimento anarquista brasileiro*. 2007. Monografia (Graduação em História) - Unipam, Patos de Minas, 2007.

¹² Tratou-se de uma pesquisa realizada em jornais, revistas, panfletos e brochuras da época, pertencentes a minha, então, orientadora Antoniette Camargo de Oliveira. Oliveira tomou contato com esse material quando foi bolsista de Iniciação Científica, com o projeto *Dicionário histórico-biográfico do(s) anarquismo(s) no Brasil*, entre 1998 e 1999, sob orientação das professoras Christina Roquette da Silva Lopreato e Jacy Alves de Seixas. Para saber mais sobre esse projeto: Cf. Anarquismo reconstruído. In: *Minas Faz Ciência*, n. 24, Fev, 2006. Disponível em: <<http://revista.fapemig.br/materia.php?id=413>>. Acesso em: julho de 2011.

¹³ LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 10.

totalmente de acordo com as prédicas da Confederação Geral do Trabalho francesa,¹⁴ que serviram de inspiração para o movimento operário brasileiro e de várias outras partes do mundo. Segundo Jacy Alves de Seixas, os sindicalistas revolucionários franceses acreditavam que:

O sindicato é considerado como o terreno por excelência de expressão dos antagonismos de classe, porque ele circunscreve o espaço onde se concretiza a reunião dos produtores assalariados [...]. O sindicato é, em vários níveis, o lugar de encontro dos produtores enquanto tais, noção que é um dos fundamentos do edifício sindicalista-revolucionário, fazendo dele uma instituição potencialmente revolucionária. Essa concepção do sindicalismo operário resulta, portanto, na célebre fórmula da dupla tarefa imputada aos sindicatos, que toca ao mesmo tempo o reformismo e a revolução. De um lado, está a importância atribuída às reivindicações e às lutas parciais, que levam melhorias imediatas à condição operária, e a importância das pequenas lutas organizadas e das greves parciais. Por outro lado, os sindicatos são considerados a mola da revolução proletária, como aquilo que colocará fim à dominação capitalista, preparando e colocando em obra a greve geral expropriadora.¹⁵

No Brasil, tanto os primeiros, quanto os segundos, concordavam que a ação sindical, um dos canais por excelência da ação direta,¹⁶ era de suma importância para que os trabalhadores construíssem sua consciência enquanto classe

¹⁴ Cf. JULLIARD, Jacques. *Aunonomie ouvrière: études sur le syndicalisme d'action directe*. Paris : Gallimard Le Seuil, 1988.

¹⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. *Memoire et oubli: anarchisme et syndicalisme revolutionnaire au Brésil*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1992. p. 118-119 (minha tradução).

¹⁶ Para uma apreciação da ação direta e seu significado *sui generis* para o anarquismo: Cf. GUIMARÃES, Adonile Ancelmo. *Anarquismo e ação direta como estratégia ético-política: violência e persuasão na modernidade*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

social, mas discordavam quanto aos alcances e limites dessa ação. Enquanto os anarquistas sindicalistas acreditavam que o engajamento dos trabalhadores nas organizações sindicais para a obtenção de melhorias imediatas levaria- os automaticamente à revolução, os anarco-comunistas demonstravam certa desconfiança às virtudes intrínsecas do sindicato, pois temiam que a organização dos trabalhadores na luta por melhorias imediatas acabasse eclipsando seu objeto maior, ou seja, a viabilização do processo revolucionário que daria cabo da sociedade capitalista, fazendo posteriormente uma reconstrução social em direção ao socialismo.¹⁷ Por esse motivo, estes propugnavam ser de fundamental importância a existência de uma organização especificamente anarquista, que deveria atuar dentro e fora dos sindicatos para preservar seu caráter anticapitalista.

Os debates que ora aproximavam, ora distanciavam anarquistas sindicalistas e anarco-comunistas, foram de suma importância para que eu pudesse compreender a especificidade da experiência sindicalista revolucionária em terras brasileiras. De acordo com as conclusões às quais cheguei com esse trabalho naquele momento, percebi que o sindicalismo revolucionário brasileiro, diferentemente do seu congênere francês, não poderia ser identificado e reduzido ao seu célebre esquema “o sindicalismo basta a si mesmo”.¹⁸ Em virtude das relações de força existentes

¹⁷ Esclareço que por socialismo, entendo o socialismo-anarquista, uma das forças políticas ativas no movimento operário desde o século XIX. Para elucidar essa questão, evoco uma definição do próprio Neno Vasco: “socialismo-anarquista: doutrina segundo a qual a anarquia é a forma política necessária da sociedade socialista, o anarquismo é o método de ação e o indispensável instrumento de realização do socialismo, tanto no presente como na expropriação final, assim como a socialização é condição essencial para a possibilidade da anarquia; teoria que defende a organização livre e a livre experimentação social, abolindo a violência quer direta (a que é exercida pelo poder político) quer indireta (a que resulta da privação dos meios de produzir, sujeitando-nos aos patrões)”. VASCO, Neno. Op. cit., 1913. p. 65-66.

¹⁸ Tema que retoma e atualiza, no Brasil, o debate entre o anarquista-sindicalista francês Pierre Monatte e o anarco-comunista italiano Errico Malatesta durante o Congresso Anarquista de Amsterdam em 1907. A esse respeito conferir: MONATTE, Pierre. “Em defesa do sindicalismo”; MALATESTA, Errico. “Sindicalismo: A crítica de um anarquista.” In: WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L & PM, 1981.

e atuantes no interior do movimento operário, ou seja, devido à “função de contraponto crítico”¹⁹ desempenhada pelos anarco-comunistas, o sindicalismo revolucionário não parece ter cortado os laços que o atavam ao anarquismo.²⁰

A atuação do anarquista português Neno Vasco, considerado na época o “expositor mais lúcido”²¹ do sindicalismo revolucionário brasileiro, tornou-se, então, o meu “fio de Ariadne”. Embora não se tratasse de uma biografia, a análise sobre sua trajetória ajudou a compreender melhor a experiência histórica da qual ele fez parte. Diferentemente, o trabalho que resultou em minha dissertação de mestrado teve como objetivo escrever uma biografia, ou melhor, alguns fragmentos da biografia de Neno Vasco.²²

Os recortes teóricos e metodológicos para a realização dessa pesquisa levaram-me à seguinte questão: qual o lugar ocupado pela biografia no interior da historiografia em geral e da historiografia brasileira sobre o movimento anarquista e operário em particular? O descaso da história em relação à biografia parece ter sido, durante muito tempo, uma opinião compartilhada pelas diversas correntes existentes no interior da historiografia contemporânea. Fortemente tocada pelo

¹⁹ SEIXAS, op.cit., 1992. p. 128.

²⁰ Em virtude disso, afasto-me da hipótese de Edilene Toledo, que mesmo tendo o mérito de destacar que sindicalismo revolucionário não era sinônimo de anarco-sindicalismo, incorre no erro de minimizar o papel dos anarquistas no processo de construção do sindicalismo revolucionário brasileiro. A esse respeito: cf. TOLEDO, Edilene Terezinha. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: a experiência de trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. Para uma crítica de Toledo, Cf. SAMIS, Alexandre. *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, anarquismo e sindicalismo revolucionário em dois mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009.

²¹ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1997. p. 89.

²² SILVA, Thiago Lemos. *Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa: a escrita cronística como escrita de si em Neno Vasco*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

marxismo e pela Escola dos *Annales*,²³ essa historiografia tendeu a anular os indivíduos privilegiando as grandes estruturas econômicas, demográficas, mentais e culturais. Nesse sentido, não foi por acaso que a crítica à biografia assumiu uma frente importante nos combates contra a história tradicional, que se encontrava naquele momento, atrelada aos acontecimentos, à narrativa factual e às grandes personalidades da política.

A despeito das inúmeras diferenças existentes entre historiadores marxistas e historiadores dos *Annales*, é perceptível que os seus esforços interpretativos encontram-se ao privilegiarem o sujeito coletivo como paradigma de análise. Valendo-se de conceitos como classe social e mentalidade, tais historiadores colaboraram, direta ou indiretamente, para a construção de um sujeito coletivo que se firmou e se impôs minimizando os sujeitos individuais. Esse fato não é de se espantar, uma vez que esses historiadores “estavam interessados em sociedades, e não em indivíduos, e confiavam que se poderia chegar a uma ‘história científica’ que, com o tempo, criaria leis generalizadas para explicar a transformação histórica”.²⁴

Essa situação começaria a mudar somente por volta de 1980. A partir da referida década, passamos a assistir a um fenômeno denominado “renascimento” biográfico, que, à semelhança de um furacão, deixou a história totalmente abalada. Para além do abalo causado, o renascimento biográfico ajudou os historiadores

²³ A esse respeito cabe um adendo, pois historiadores, de ofício ou não, vinculados às duas escolas historiográficas, sempre demonstraram certo interesse pela biografia, mas esse interesse justificava-se apenas na medida em que o indivíduo biografado fosse, mais ou menos, representativo de um grupo, segmento ou classe social, o que posteriormente ficou conhecido por “biografia modal”. Sobre os *Annales*, Cf. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987. FEBVRE, Lucien. *Martin Lutero: un destino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. Sobre o marxismo Cf. BASSO, Lelio. *El pensamiento político de Rosa Luxemburg*. Barcelona: Península, 1976. MEHRING, Franz. *Carlos Marx, história de su vida*. Barcelona: Grijalbo, 1983.

²⁴ STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. *Revista de História*, Campinas – IFCH, Unicamp, nº 2/3, 1991, p. 15.

a perceberem a “crise” pela qual a história estava passando²⁵ e os obrigaram

a voltar ao princípio da indeterminação, ao reconhecimento de que as variáveis são tão numerosas que, na melhor das hipóteses, apenas generalizações de médio alcance são possíveis na história, como sugeriu Robert Merton muito tempo atrás [...]. Explicações monocausais simplesmente não funcionam. O emprego de modelos de explicação em feed-back, construídos em torno de “afinidades eletivas” weberianas, parece oferecer instrumentos de melhor qualidade para revelar algo da verdade fugidia sobre a causação histórica.²⁶

Portanto, não é nada fortuito que a crise da história tenha coincidido com o renascimento biográfico, já que “a desilusão com o determinismo monocausal econômico ou demográfico e com a quantificação levou os historiadores a começarem a colocar um leque de questões totalmente novas”. Depois disso, “um número cada vez maior dos ‘novos historiadores’ vem tentando agora descobrir o que se passava na cabeça das pessoas no passado, como era viver naqueles tempos”.²⁷ Tais questões ajudaram a despertar nos historiadores o interesse pela biografia.

No entanto, tal renascimento apareceu muitas vezes, disfarçadamente, sob o nome de “volta”, supondo que a (re) utilização da biografia pela história significasse uma retomada do antigo método biográfico. O divórcio entre a biografia e a história tradicional parecia, desse modo, ser um evento difícil, quiçá impossível, de se operar. Nesse sentido, é possível entender, ao menos em parte, a dureza das críticas que Pierre Bourdieu dirigiu aos cientistas sociais, e que são também extensivas aos historiadores, sobre a utilização do gênero biográfico.

²⁵ Além da biografia, é mister assinalar que outros objetos, antes relegados pelos historiadores, contribuíram de igual maneira para a percepção da chamada “crise da história”, tais como: a narrativa, a política, o cotidiano, entre outros.

²⁶ STONE, op. cit., p. 24-25.

²⁷ Ibid., p. 25.

Para Bourdieu, estes últimos tombavam frequentemente no erro de descrever a vida do indivíduo

como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas [...] seus ardis, até mesmo suas emboscadas [...] ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional [...], que tem um começo ('uma estréia na vida'), etapas e um fim, no duplo sentido de término e de finalidade ('ele fará seu caminho' significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história.²⁸

De acordo com o sociólogo francês, essa noção segundo a qual a vida de um indivíduo se insere dentro de um curso linear e contínuo, traz consigo premissas que podem redundar em conclusões bastante perigosas, como a existência de um eu individual coerente e harmônico. Analisando a literatura moderna, Bourdieu registra que os grandes escritores, de Shakespeare a Proust, não fizeram mais do que colocar em questão a existência desse eu. A partir de uma nova apreciação da temporalidade histórica, apresentada no seu caráter intermitente e descontínuo, esses escritores revelaram um eu individual atravessado por ambiguidades e tensões. Para tornar inteligível esse eu, Bourdieu se apropria do conceito de *habitus* e faz dele a ferramenta metodológica para esse empreendimento. Homologando as condutas individuais e as condutas sociais, o sociólogo francês concluiu que a diversidade assumida pelas condutas dos indivíduos reflete a diversidade existente nas estruturas da sociedade. Já que

tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito", cuja constância certamente não

²⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2001. p. 183-184.

é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.²⁹

Em que pesem às contribuições de Bourdieu, que foram de fundamental importância para a problematização das relações tecidas entre biografia e história, pode se perceber algumas limitações de sua conclusão no que concerne à questão aqui perseguida. Hoje, não restam muitas dúvidas de que o objetivo visado pela biografia não é apenas a reconstituição de um contexto individual, mas, igualmente, de um contexto social. Todavia, parece que Bourdieu não concebe a possibilidade de realizar essa empreitada fora dos marcos conceituais de “representação e representatividade”, os quais, aliás, estiveram durante muito tempo, atrelados a uma historiografia que utilizava, mesmo que de forma desconfiada, o gênero biográfico através do que posteriormente ficou conhecido como “biografia modal”.

Através dessa crítica, o sociólogo tende, de acordo com Sabina Loriga, “a homologar as condutas individuais e a reforçar os laços normativos, a força do *habitus*”.³⁰ Procedendo de tal maneira, Bourdieu parece não conseguir encontrar uma resposta satisfatória para a questão do papel que a liberdade do indivíduo assume na sociedade e, por conseguinte, na história. Para Loriga, embora seja absurdo falar na oposição indivíduo/sociedade, não parece menos absurdo falar que as condutas individuais possam ser reduzidas às condutas sociais.

Com efeito, é necessário salientar que essa liberdade do indivíduo não é absoluta: mesmo que socialmente construída, ela é, contudo, uma liberdade. Liberdade a partir da qual as brechas existentes em todo e qualquer sistema normativo deixam os indivíduos agirem. A partir dessa reconsideração no que tange ao

²⁹ Ibid., p. 189-190.

³⁰ LORIGA, Sabina. A Biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 246.

papel ocupado pelo indivíduo na sociedade, pode-se vislumbrar outra possibilidade para a utilização da biografia na pesquisa histórica.

Tal perspectiva está longe de considerar a biografia apenas como um recurso que, em falta de algo melhor, serviria no máximo para ilustrar uma situação, como se as relações entre o indivíduo biografado e o contexto histórico fossem essencialmente harmônicas. Muito pelo contrário, segundo essa abordagem, a qual a autora chama de “biografia coral”, a biografia viria justamente romper com as homogeneidades aparentes e revelar os descompassos latentes que existem nas relações entre as partes e o todo. Na sua avaliação:

Numa tal perspectiva, elaborada nos últimos anos [...] não é necessário que um indivíduo represente um caso típico; ao contrário, vidas que se afastam da média levam a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social [...]. Apenas um grande número de experiências permite levar em consideração duas dimensões fundamentais da história: os conflitos e as potencialidades.³¹

As duas dimensões fundamentais da história, acima colocadas pela autora, servem “para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas”.³²

A princípio, nada pode ser e parecer mais paradoxal do que a pertinência de escrever a biografia de um militante do movimento anarquista e/ou operário. Afinal de contas, como entender a questão pessoal dentro de um contexto que destaca, sobretudo, a questão social? Esse paradoxo reforça-se ainda mais, principalmente se for levado em consideração o fato de que o entendimento do proletariado, enquanto sujeito coletivo, foi o fio condutor de grande parte das análises até então promovidas

³¹ Ibidem, p. 247.

³² Ibidem, p. 246-247.

pela historiografia.³³ Durante muito tempo, em virtude de tal sujeito coletivo, “as individualidades foram simplesmente afastadas ou anuladas da memória operária”.³⁴

No entanto, paradoxalmente ou não, muitos historiadores têm voltado sua atenção para as vidas desses homens e mulheres que, de uma maneira ou de outra, participaram das lutas da classe operária. Esse interesse pode ser medido ou aquilatado pela redação e publicação dos inúmeros trabalhos que têm sido editados nas últimas décadas. Logo, aqueles nomes que tradicionalmente se diluíam e se apagavam em virtude do chamado “sujeito coletivo”, ganharam rosto e personalidade ao terem suas vidas pesquisadas, conhecidas e problematizadas.

Esses trabalhos irão testemunhar fartamente que o movimento anarquista e operário brasileiro foi construído de forma radicalmente plural e heterogênea, a partir da ação de vários e diferentes sujeitos individuais, que não podem, portanto, ser mais reduzidos a um único e homogêneo sujeito coletivo. Não se trata, aqui, evidentemente de cair no absurdo de negar a existência da relação entre o individual e o social, presente em todo e qualquer trajeto de natureza biográfica, como colocou corretamente Pierre Bourdieu. Mas, sim, de repensar essa relação sem homologar de imediato um e outro, procurando interpelar cada um na sua singularidade e interação, como colocou de modo não menos correto Sabina Loriga.

Amparados no enfoque teórico e metodológico que a biografia trouxe, ainda que partindo de perspectivas das mais diversas, surgiram vários trabalhos apresentando o perfil multifacetado dos militantes anarquistas e operários. Já que, como coloca Seixas:

³³ Com especial destaque para os seguintes trabalhos: FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social* (1890 – 1920). São Paulo: Difel, 1986. FERREIRA, Maria de Nazareth. *A imprensa operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

³⁴ SEIXAS, Jacy Alves. Aspectos teóricos do Dicionário Histórico-Biográfico do(s) Anarquismo(s). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, nº XI, 1998. Uberlândia. Anais do XI Encontro Regional de História: Universidade Federal de Uberlândia, 1998, p. 248.

Uma biografia, ou mesmo um conjunto delas, dificilmente pode pretender ser intérprete de um movimento político, de uma época do movimento operário e, principalmente intérprete da ação (muitas vezes marcada pela multiplicidade) de outros militantes.³⁵

Assim sendo, o militante anarquista poderia muito bem ser o sindicalista, como mostra Yara Aun Khoury³⁶ em seu trabalho sobre Edgard Leuenroth, e ainda Edilene Toledo³⁷ em seu trabalho sobre Giulio Sorelli. Poderia também ser o anticlerical Oreste Ristori, como aponta Carlo Romani,³⁸ ou então a feminista Maria Lacerda de Moura, como indica Jussara Valéria Miranda.³⁹ Em alguns trabalhos, o militante anarquista se desloca no interior da sua própria atividade e, com isso, chega até mesmo a assumir mais de um perfil, como sublinha, por exemplo, Rogério Humberto Nascimento⁴⁰ sobre Florentino Carvalho, que, além de um ativista sindical, era professor nas escolas modernas ou racionalistas em São Paulo e Santos. Semelhante é o que se passa com Gigi Damiani. Segundo seu biógrafo Luigi Biondi,⁴¹ Damiani militou em organizações operárias, foi um profícuo jornalista e chegou até mesmo a escrever romances com fundo social.

Podemos, igualmente, encontrar esse militante anarquista de perfil multifacetado na figura de Neno Vasco. Sua trajetória

³⁵ Ibidem p. 249.

³⁶ KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 113-149, 1997.

³⁷ TOLEDO, op. cit.

³⁸ ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori*. Uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume, 2002.

³⁹ MIRANDA, Jussara Valéria. *Recuso-Me*: ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

⁴⁰ NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. *Florentino de Carvalho*: pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

⁴¹ BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMENICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão (Org.). *História do Anarquismo no Brasil*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

constitui um caso bastante elucidativo para a compreensão da relação (sempre plural e heterogênea) entre as instâncias individuais e coletivas no interior do movimento anarquista e operário a partir de uma perspectiva biográfica. Trajetória que, em muitos aspectos, assemelha-se certamente, mas que em outros, diferencia-se sensivelmente da daqueles com os quais Neno compartilhou a militância, seja no Brasil (1901-1911), seja em Portugal (1911-1920), durante os quase vinte anos de sua vida ativista.

No entanto, no que ela se assemelha e no que ela se diferencia? Assim como muitos anarquistas engajados com o movimento operário, Neno Vasco defendeu com veemência a necessidade da ação e da organização sindical. Entretanto, por causa de seu temperamento avesso a todo e qualquer embate público, ele nunca foi um animador da vida sindical. Como mostra Alexandre Samis,⁴² em seu pioneiro e instigante trabalho sobre esse anarquista, Neno não era uma figura presente nas ligas de resistência, nunca pedia a palavra nos *meetings* públicos, nem era um frequentador assíduo dos congressos anarquistas e operários realizados.

Foi, portanto, através dos jornais vinculados à imprensa anarquista que ele marcou sua presença no movimento operário dos dois respectivos países. Dono de uma prosa invulgar, ele se destacou enquanto jornalista, mas igualmente enquanto autor de peças teatrais, traduções de romances, contos, poesias e crônicas, em que se evidencia seu ativismo no vasto horizonte abarcado pela ação e propaganda anarquistas. Ele atuou na criação de uma estratégia sindical de ação direta, no engajamento com a causa anticlerical, na construção de uma tribuna antimilitarista, na preocupação com a emancipação feminina, na luta pela pedagogia libertária, entre outras facetas que colaboraram para conferir o tom anarquista que caracterizou o movimento operário do lado de cá e do lado de lá do Atlântico nesse período.

⁴² SAMIS, op. cit., 2009.

Assim, a noção de “excepcional-normal”,⁴³ tal como a formula Loriga, viria exprimir com justeza o caráter ambivalente contido na trajetória de Neno. Embora ele partilhasse as mesmas estruturas sociais com outros indivíduos com quem militou, o que constitui uma espécie de plano de fundo para “o desenrolar” de sua vida, ele experimentou de forma singular essas mesmas estruturas, o que sugere que a excepcionalidade colocou-se sempre como norma em sua trajetória.

A crônica sob a pena de Neno Vasco: entre a arte e a militância

As crônicas publicadas no livro *Da porta da Europa* em 1913 recobrem o período entre 1911 a 1912. Trata-se de uma seleção que se concentrou nos principais órgãos da imprensa anarquista e operária do Brasil e de Portugal, pelos quais circulou boa parte da produção literária de Neno Vasco no período posterior a sua travessia para o outro lado do Atlântico. O roteiro inicial do livro começa com o jornal *A lanterna*⁴⁴ (1911-1916), de São Paulo. Do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, temos as crônicas publicadas respectivamente nos jornais *A guerra social* (1911-1912) e *O diário* (1909-1912). As crônicas publicadas nas revistas *A aurora* (1910-1920), do Porto, e *A sementeira* (1908-1913) de Lisboa fecham esse roteiro.⁴⁵

As crônicas publicadas na imprensa anarquista e operária no Brasil e em Portugal recobrem um período maior, que se inicia em 1911 e se prolonga até 1920. Nesse intervalo, encontramos crônicas publicadas nos mesmos jornais dos quais Neno extraiu as crônicas publicadas outrora em seu livro. Porém, como alguns deles, tais como *A lanterna*, *A aurora* e *A sementeira*, continuaram circulando no período posterior à publicação do livro, Neno Vasco

⁴³ LORIGA, op. cit., 1998, p. 248.

⁴⁴ Embora o livro tivesse recebido o mesmo nome que a coluna de crônicas publicadas no jornal *A lanterna: da porta da Europa*, o livro traz crônicas que foram originalmente publicadas em outros jornais com os quais Neno colaborava.

⁴⁵ VASCO, op.cit., 1913, p. 01.

prosseguiu atuando como cronista neles. As crônicas publicadas nos jornais que iniciaram sua circulação após 1913 aparecem em: *A terra livre* (1913-1913) e *A batalha* (1919-1927), ambos de Lisboa, *A plebe* (1917-1919) de São Paulo e *Spartacus* (1919-1920) do Rio de Janeiro.

Assim que iniciei a análise de suas crônicas, uma primeira questão impôs-se: tratar-se-ia de uma intervenção militante ou artística? Em linhas gerais, a trajetória histórica percorrida pela crônica evidencia várias significações, abarcando e recobrando territórios dos mais diversos: inicialmente, a historiografia, posteriormente, a literatura, e, por fim, o jornalismo. Já que Neno parece escrever em sintonia com seu tempo, o que irá nos interessar é a crônica segundo a versão moderna. Na sua versão moderna, mais especificamente ao longo do século XIX, o conceito de crônica passa por significativas e substanciais mudanças, que irão incidir tanto na sua forma quanto no seu conteúdo. Em virtude da assimilação dos ideais modernos, os cronistas irão reestruturar seus textos, buscando novas formas que fossem capazes de captar o conteúdo das novas relações sociais, marcadas cada vez mais pela complexidade e fragmentação.

Para David Arriguci:

A crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e seus espaços periféricos.⁴⁶

O romantismo torna-se, portanto, a pedra de toque identitária da escrita cronística, já que os escritores filiados a esse movimento serão os responsáveis pelos novos lineamentos do perfil a partir do qual a crônica passará a ser produzida. Com a valorização desses novos códigos literários, os cronistas começam a conceder maior

⁴⁶ ARRIGUCI, David. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 53.

espaço à imaginação, à questão da enunciação, à construção verbal, entre outros fatores que irão ligar e atar definitivamente os cronistas à literatura.

Além das mudanças que se deram a nível estético, também se processarão mudanças na forma como a crônica passará a ser publicada. Com a transformação dos jornais em instrumentos de informação e debate, com uma grande tiragem, ela se transforma numa seção de jornal, cujo único critério a ser levado em consideração para a publicação é a periodicidade. Essa seção chama-se “rodapé” (como o próprio nome sugere: ao pé da página), na qual a crônica passa a ser publicada ao lado de outros gêneros literários: contos, romances e críticas literárias.

Segundo Wellington Pereira:

É no rodapé, já no século XIX, que a crônica passa a ser redefinida. Mas, alguns estudiosos, ou mesmo os escritores que a praticavam, confundem-na, ainda mais, com o espaço jornalístico, passando a denominá-la, também, folhetim, pelo simples fato de ambos serem publicados em rodapés.⁴⁷

A crônica passa então a ser confundida, ou melhor, tomada como sinônima de “folhetim”. O folhetim nasceu na França e se alastrou para outras partes do globo, numa clara e aberta tentativa de apropriação dessa modalidade de arte, que surgiu no continente europeu. Destarte, o folhetim trazia consigo a possibilidade de narrar os fatos diários, pressupondo um leitor inserido numa sociedade em vias de industrialização. Nesse momento, ou seja, século XIX, o folhetim politiza-se e passa a assumir uma postura crítica e contestadora, utilizada pela burguesia na luta contra a aristocracia, que irá encontrar no jornal o espaço ideal para esse empreendimento.

Nos jornais com os quais Neno Vasco colaborou como cronista, também havia uma seção específica voltada para a

⁴⁷ PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004. p. 33.

redação e publicação de textos determinados como literários, apontando, desse modo, a existência de uma filiação com o folhetim francês, tal como foi sublinhado por Claudia Baeta Leal.

É certo que essa determinação tem muito a ver com a origem do folhetim e sua relação com o rodapé das páginas dos jornais, constantemente reafirmado, desde o começo do século XIX, na França, como um espaço vazio destinado ao entretenimento. Na imprensa anarquista e operária este aspecto persistiu e o rodapé, sempre que marcado, recuperou a tradição do folhetim francês.⁴⁸

Nesse sentido, é interessante analisar como se dá a inscrição desse espaço na imprensa anarquista e operária, no sentido de trazer à tona os aspectos que a diferenciam e identificam em relação à imprensa burguesa, com a qual ela evidentemente dialoga, para depois poder se demarcar. Embora sua crônica sempre aparecesse numa seção específica nos periódicos em que foi publicada, essa seção, entretanto, nunca ocupou o espaço do rodapé do jornal, espaço que, via de regra, era destinado à publicação de outros gêneros literários, tais como o romance e o conto, através de folhetins seriados. Diferentemente, ela era publicada em uma coluna vertical situada no centro da primeira ou da segunda página, ocupando quase a metade do seu tamanho. É sugestivo, porém não conclusivo, que essa preferência em publicar suas crônicas em um local de maior visibilidade nos jornais dê-se em virtude de esse gênero literário figurar como a modalidade de intervenção escrita que se encontraria mais em sintonia com o ritmo da imprensa militante:

Longe do andamento figurativo e esquemático do romance humanitário aberto às teses anarquistas (heróis redentores, moralismo purificador, humanismo artificial do *locus amoenus*),

⁴⁸ LEAL, Claudia Baeta. *Anarquismo em prosa e verso: literatura e propaganda anarquista na imprensa libertária de São Paulo durante a Primeira República*. 1999. Dissertação (Mestrado em História), Unicamp, Campinas, 1999, p. 110.

impunha-se o registro da opressão cotidiana que transformava a palavra em instrumento de sobrevivência, experimentando a narrativa curta na percepção do flagrante.⁴⁹

Ao experimentar a narrativa curta, o cronista Neno Vasco consegue perceber o flagrante no momento da sua consecução. Desse modo, o assunto da sua escrita pode surgir de forma ocasional e ir preenchendo a pauta do jornal a partir das demandas que, segundo ele, sejam importantes para a militância:

a denúncia de maus tratos nas fábricas, a comemoração de um evento revolucionário, o confronto com a repressão, o registro quase expressionista da miséria, a imagem corrosiva da cena burguesa, a caricatura impiedosa dos inimigos da causa, com ênfase para o burguês, o militar e o padre.⁵⁰

Para indagar corretamente sua crônica, é impossível não deixar de relacioná-la com o jornal, do qual foi parte integrante enquanto seção desde seu nascedouro. Tomado como veículo de informação e discussão política pelo anarquista, é ele que fornece o registro dos acontecimentos cotidianos, que constituem na sua essência, a matéria-prima a partir da qual a crônica é feita. Em *A entrada* do seu livro, essa íntima relação tecida entre a crônica e o jornal é retomada e realçada:

Nesta época de transição, de grande e desesperado embate de ideias e de métodos, são úteis todas as contribuições sinceras; e eu entendi que o ponto de vista socialista e libertário, aplicados aos acontecimentos de cada dia, necessita de ser ouvido fora dos débeis e minguados meios de publicidade que constituem o magro quinhão dos ideais servidos por gente pobre, e por isso mesmo privada das essenciais liberdades [...] Se, portanto não é uma obra

⁴⁹ PRADO, Arnoni; HARDMAN, Foot. Apresentação. In: PRADO, Arnoni; HARDMAN, Foot; LEAL, Claudia (Org). *Contos anarquistas: temas & textos da prosa libertária no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 16.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 20.

metódica e coordenada, tem ao menos a desculpa de maior viveza e combatividade a vida de atual escaramuças e às necessidades urgentes da batalha de ideias.⁵¹

Em virtude de ser feita no e para o jornal, uma vez que se destina inicial e precipuamente a ser lida nele, sua crônica mostrar-se-ia de uma ambivalência incontornável. Enquanto seção de um instrumento como o jornal, ela parece, a princípio, destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, do qual, de vez em quando, pode sair vitoriosa. Em razão de sua proximidade com o acontecimento miúdo do dia a dia, Neno se vê às voltas com o dilema de saber como superá-lo. Se não quiser cair no esquecimento junto com ele, deve procurar uma saída. Comumente, essa saída é encontrada, pelo nosso biografado, na literatura, mesmo que as margens de sua terra firme possam parecer demasiado imprecisas. É que rigorosamente falando, a forma que a crônica assume sob a pena de Neno Vasco é bastante problemática, já que seu caráter amplo e diversificado parece borrar as linhas que demarcam a fronteira com outros gêneros literários.

Em alguns momentos, sua crônica aproxima-se da crônica histórica, primeira forma que a escrita cronística tomou para si. Incorporando a verve dos cronistas à moda antiga, ele se põe a narrar fatos já distantes no tempo e no espaço, rememorando a fundação da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores, bem como da participação dos anarquistas naquele importante acontecimento,⁵² ou do conto, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente. Valendo-se de uma prosa de ficção e também da lírica, Neno propõe ao parlamento português um projeto de lei em que os deputados sejam pagos apenas por seus eleitores.⁵³ Nesse caso, é como se o cronista cedesse lugar ao poeta, que canta sobre a beleza das flores desabrochando

⁵¹ VASCO, op.cit., 1913, p. 01.

⁵² Ibid., p. 207.

⁵³ Ibid., p. 54.

durante a primavera lisboeta;⁵⁴ ainda das “memórias”, em que ele relata alguns fatos de sua biografia, tal como a chegada em sua terra natal após um interregno de quase dez anos de ausência.⁵⁵

Da mesma maneira, da “sátira”, em que Neno ridiculariza e ironiza o engajamento dos filhos de Eça de Queiroz, autor de várias obras anticlericais, nas campanhas realistas pela revogação da lei que previa o fim da separação entre Estado e Igreja em Portugal. Segundo ele, tal situação aparentava-se ao fim do seu romance *Os maias*, com um tom grotesco a mais, é claro;⁵⁶ e ainda do ensaio filosófico, em que ele, face ao dogmatismo assumido pelos republicanos, tece reflexões profundas sobre a tolerância que, em sua avaliação, deveria ser a pedra de toque de todo e qualquer pensamento que aspira à liberdade. Etribado no ceticismo sorridente do “fino e amável rabelesiano” Anatole France, o anarquista situava a tolerância entre a dúvida e a ação. Em um mundo onde a única verdade absoluta é a de que a verdade absoluta não existe, a dúvida seria a virtude mais condizente com a condição do homem. Dessa dúvida, nasceria a ação que viria confirmar ou negar as hipóteses levantadas. A tolerância, por sua vez, seria o laço que uniria a virtude salutar da dúvida à suprema necessidade da ação, segundo as normas de uma convicção previamente formada, porém gradualmente modificada pela experiência,⁵⁷ entre tantos outros gêneros literários de caráter limítrofe, cuja fisionomia é difícil precisar.

Esse trânsito entre um gênero e outro, mesmo que esteja escrevendo apenas uma crônica, testemunha as qualidades propriamente literárias do texto de Neno Vasco, que, ao longo da sua trajetória, destacou-se não somente enquanto cronista,

⁵⁴ Ibid., p. 22.

⁵⁵ Ibid., p. 17.

⁵⁶ Ibid., p. 108.

⁵⁷ Ibid., p. 164.

mas, ainda, enquanto contista,⁵⁸ dramaturgo,⁵⁹ poeta,⁶⁰ crítico literário⁶¹ e ensaísta,⁶² demonstrando possuir uma concepção estética distinta de seus companheiros de militância, tal como ele a expressou numa crônica publicada no jornal lisboeta *A sementeira*, quando do falecimento do escritor francês Octave Mirbeau.

Mesmo temendo correr o risco “de ofender a opinião dominante” entre seus amigos e, com isso, cair em “seu alto conceito”, Neno releva não ter “excessivo entusiasmo” pelas obras de Émile Zola, cuja preocupação excessiva com a tese acaba criando personagens “ou incompletos, ou excepcionais ou falsos”, como ocorre, aliás, em sua avaliação, com os anarquistas representados em seus romances *Germinal*, *Paris*, *Roma* e *Trabalho*.⁶³

O temor de Neno em causar algum tipo de desconforto entre os seus não era, de modo algum, fortuito. Segundo Antônio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman, o escritor anarquista não é um escritor profissional. Nessa direção, sua obra seria “produto muito mais da experiência coletiva do que propriamente o resultado de uma elaboração estética. No caso do seu trabalho, o que importa não é o texto, e sim, a decisão militante que repercute no ato de escrever”. Igualmente, a relação entre o escritor e o texto seria mediada pelo depoimento e a emoção, mais que pela intuição

⁵⁸ VASCO, Neno. Os Parasitas. In: PRADO, Arnoni; HARDMAN, Foot; LEAL, Claudia (Org). *Contos Anarquistas: temas & textos da prosa libertária no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

⁵⁹ VASCO, Neno. *O Pecado da Simonia*. São Paulo: Centro Editor Juventude do Futuro, 1920; VASCO, Neno. *Greve dos Inquilinos*. Lisboa: Editora de A Batalha, 1923.

⁶⁰ VASCO, Neno. A marselhesa do Fogo. In: KHOURY, Yara Aun (Org.). *Poesia Anarquista*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 15, 1988.

⁶¹ Neno Vasco publicou críticas e resenhas literárias na seção *Pelas Publicações*, do jornal *A lanterna* de São Paulo, durante a segunda fase em que circulou (1909-1916).

⁶² VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Porto: Afrontamento, 1984.

⁶³ VASCO, Neno. Octave Mirbeau. *A sementeira*, Lisboa, p.2. 12 de maio de 1917.

e a escritura, o que leva os autores à conclusão de que, para o anarquista, “o impulso criador vale mais do que a própria obra”.⁶⁴

Sobre Zola, cuja perspectiva literária parecia agradar mais aos “camaradas”, Neno diz preferir decididamente Octave Mirbeau, em quem “não se nota demasiadamente a preocupação da tese, escolho onde vão soçobrar tantas tentativas de arte revolucionária”. Segundo ele, Mirbeau parece apenas pintar um quadro da vida social, no qual arremessa para a tela manchas de tinta, que tendem a sublinhar suas taras “com traços caricaturais de extrema violência”. Em seu romance *O jardim dos suplícios*, é possível entrever essa vontade de “ferir os esteios da sociedade de rapina e de violência que dispõe o mundo”.⁶⁵

De acordo com o anarquista, no entanto, esses diferentes pensamentos e sensibilidades presentes na mentalidade dos dois artistas acabam gerando uma espécie de dicotomia entre arte e política, entendidas como modos exclusivos de atividade, obrigando-os a escolher pela beleza artística ou pelo engajamento político. Em face desse dilema, Neno confessa: “permiteme preferir as duas coisas”.⁶⁶ Assim entendida, ele acreditava que a arte:

mesmo sem pretensões à propaganda nem catequização, colabora com os militantes revolucionários, se é posta ao alcance do povo [...]. Comovendo-nos, aperfeiçoando-nos o sentimento ela torna-nos mais sensíveis e sociáveis criando novas necessidades superiores, delicados e finos sucedâneos dos prazeres brutais e animais, fomenta a revolta contra uma organização social em que essas necessidades não são amplamente satisfeitas.⁶⁷

Como se pode evidenciar, as fronteiras entre o artista e o militante não estavam rigidamente delimitadas. Pois, ao empunhar

⁶⁴ PRADO; HARDMAN, op.cit., p. 19-20.

⁶⁵ VASCO, op. cit., 1917.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

sua pena, ele o fazia tanto como militante quanto como artista, instâncias que se colaram e se colocaram de tal forma que se torna, hoje, quase impossível realizar qualquer tipo de partilha. É uma constatação aparentemente banal, mas que se reveste de grande importância na medida em que evidenciamos a originalidade com a qual Neno se apropriou dela, fato pouco sublinhado pela Historiografia, que se ocupou da produção literária criada e difundida pelo movimento anarquista e operário.

Por causa de seus méritos literários, os fatos aparentemente destituídos de importância, quando entram em contato com sua pena, adquirem uma grandeza insuspeita. Nesse sentido, Neno se torna capaz de fazer uma reflexão sobre a condição humana na sociedade capitalista, analisando o egoísmo dos burgueses durante o morticínio ocorrido em Lena, na Rússia, em que os patrões preferiram fuzilar os trabalhadores em vez de atenderem as suas demandas durante uma greve.⁶⁸ Tal reflexão também ocorre quando o cronista aponta a existência da luta de classes durante o naufrágio do Titanic, discorrendo sobre a prioridade dada aos membros das primeiras classes, enquanto as outras afundavam junto com o navio, durante o processo de salvamento dos seus sobreviventes⁶⁹ e problematizando o contraste entre ricos e pobres, ao analisar o leilão das joias da rainha Maria Pia Saboia, questionando a incapacidade orgânica do capital de produzir tudo para todos.⁷⁰ Talvez isso ajude a entender por que parte de suas crônicas chegaram a ser publicadas em livro; é como se elas resistissem à erosão dos tempos e se revestissem de uma constante atualidade.

⁶⁸ Após a revolução de 05 de outubro de 1910, a Monarquia foi dissolvida e foi instalado um governo republicano provisório, que se dissolveu em 19 de junho de 1911, abrindo A Assembleia Constituinte. VASCO, op.cit., 1913, p. 171.

⁶⁹ Ibid., p. 176.

⁷⁰ Ibid., p. 239.

Sua própria biografia: a escrita cronística como escrita de si em Neno Vasco

Se de fato a escrita cronística assume a forma da escrita de si em Neno Vasco, constituindo uma chave que permite adentrar a porta de sua história de vida, resta levantar uma questão que permanece essencial: como manejá-la? Apesar de se valer do cotidiano como assunto primacial e do jornal como móbil privilegiado de expressão, sua crônica não se confunde com a reportagem, que visa à mera informação. Para além do caráter informacional, seu objetivo é estabelecer um debate com o leitor. Isso é perceptível na crônica publicada em 25 de junho de 1911, na qual ele inicialmente informa o assunto principal: a abertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte portuguesa e as primeiras manifestações políticas decorrentes disso:

O fato que mais ocupou em Portugal as atenções do mundo político na semana passada foi a abertura da Assembleia Constituinte, e as suas primeiras sessões. Para festejar a inauguração do parlamento republicano, reuniu-se em Lisboa uma multidão assombrosa, incalculável, que delirou de entusiasmo ante ao pesado casarão legislativo e aclamou com frenético alarido a legalização da República, do pavilhão verde-rubro e do novo hino, bem como, a sua passagem, os homens do sol que nasce... Toda aquela imensa, compacta onda humana trepidava, urrava, havia lágrimas em muitos olhos, e a meu lado, num intervalo de calma, um operário gritou a outro com excitação: “O 05 de outubro foi uma grande data; mas a de hoje vale muito mais”.⁷¹

Logo depois, ele chama o leitor para o debate, interpelando se, de fato, a postura da multidão seria procedente; questão que o leva a interrogar se uma simples lei outorgada pela (recém-criada) República poderia conter um suposto ímpeto contrarrevolucionário por parte dos seguintes monarquistas:

⁷¹ Ibid., p. 35.

E para resistir a loucura contagiosa da multidão e permanecer sereno em tão febril ambiente, era bem preciso repetir a si próprio que a legalização só vem depois do fato consumado e só por ele é forçada, e que, se amanhã a horda do padre Cabral, comandada pelo matoide Couceiro, empunhando carabinas e ostentando no peito medalhas de Maria virgem, nos impusesse de novo sua monarquia jesuítica, um novo parlamento, arranjado de qualquer forma, consagraria e legalizaria, com igual solenidade unânime, o novo fato consumado; repetir a si próprio que este parlamento não vai fazer senão discursos e leis, isto, palavras que o vento leva e papéis que a autoridade rasga.⁷²

Ao levantar esse debate, Neno inscreveu a si próprio em seu texto, mostrando como os elementos de natureza propriamente pessoais (os seus juízos de valor) acabam por imprimir e modelar o modo como ele apresenta e discute os fatos cotidianos com seu leitor. Nesse sentido, sua escrita cronística assume a forma da escrita de si na medida em que toma a subjetividade

como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu autoral” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” [...], que se exprime pela primeira pessoa do singular [...] do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz [...] de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua verdade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade.⁷³

⁷² Ibid., p. 35-36. Neno faz alusão aqui ao militar Henrique Paiva Couceiro e ao padre jesuíta Luiz Gonzaga Cabral, que estiveram presentes nas campanhas de restauração da Monarquia em Portugal.

⁷³ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 14-15.

É necessário salientar que a escrita cronística assume a forma da escrita de si em Neno Vasco não por se pretender um registro do “eu autoral”, como seria no caso de uma possível autobiografia segundo a clássica definição de Phlpe Lejeune,⁷⁴ mas por causa do caráter autorreferencial de sua crônica. Uma vez que a inscrição desse eu autoral serve para estabelecer um diálogo com o leitor, ela se transforma em uma chave que permite adentrar a porta de sua história de vida, na medida em que traz à tona sua visão pessoal sobre os acontecimentos que enuncia diariamente através do jornal. Ao manejar tal chave, levo em consideração, entretanto, as ponderações de Ângela de Castro Gomes no que se refere às relações entre autor e texto. Segundo a historiadora, durante muito tempo, esse debate abordou duas concepções que podem ser, ainda que de modo elementar e esquemático, entendidas como:

De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma “representação” do seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma invenção do próprio texto, sendo sua sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora.⁷⁵

Em tempos mais recentes, vem ganhando espaço nesse debate uma nova concepção, que parte da consideração de que o autor não é nem anterior ao texto, “uma essência refletida por um objeto de sua vontade”, nem posterior ao texto, “uma invenção do discurso”. Defende-se, sim, que autor e texto instituem-se concomitantemente “através dessa modalidade de produção do eu”.⁷⁶ Essa *démarche* teórico-metodológica, se levada a sério,

⁷⁴ “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet”. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 14.

⁷⁵ CASTRO, op. cit., p. 15-16.

⁷⁶ Ibid, p. 16.

obriga-nos a colocar em evidência o registro ambivalente no qual se inscreve esse eu que se produz (e é produzido) nas (e pelas) crônicas de Neno Vasco, revelando seu duplo caráter: o referencial e o ficcional, por meio do qual o autor seleciona e constrói uma imagem de si, na tentativa de (re)significar sua trajetória de vida no texto.

Disso, testemunha a posição assumida por Neno no que concerne sua reavaliação sobre os republicanos durante as greves rurais e urbanas ocorridas no biênio de 1911-1912, as quais ele cronicou com extremo zelo. Nas várias crônicas destinadas ao assunto em questão, a justificativa para a repressão aos grevistas aparecia como necessária para o recém-instaurado governo, porque Portugal passava por um momento em que todos deveriam se sacrificar a fim de que a República tivesse o tempo necessário para se consolidar enquanto instituição. Embora nem “todos estivessem servidos”, ninguém “teria o direito de se servir por suas próprias mãos”, pois a impaciência era tomada enquanto indício de “traição monárquica”.⁷⁷ A necessidade que Neno tinha de enfatizar isso não era, de modo algum, desengajada. A ideia de que sindicalistas e monarquistas haviam se aliado para (re) construir a Monarquia em Portugal, havia se tornado um fato, ou melhor, um fantasma que perseguiu os republicanos durante muito tempo, constituindo, desse modo, a pedra de toque a partir da qual foi edificada a política de repressão do novo regime.⁷⁸

Nesse sentido, o cronista coloca a seguinte questão para o seu leitor: poderia haver alguma ligação entre esses dois segmentos, tão distintos um do outro? Em sua opinião, nenhuma. No entanto, entre os monarquistas e os próprios republicanos, talvez, já que muitos deles teriam vindo da própria Monarquia, “sem grande esforço nem profunda mudança”. Isso o leva à conclusão, “à primeira vista paradoxal”, de que os sindicalistas “seriam mais republicanos do que os próprios republicanos oficiais

⁷⁷ VASCO, op. cit., 1913, p. 33.

⁷⁸ PULIDO, Vasco. A República e as classes trabalhadoras (Outubro de 1910-Agosto de 1911). *Análise Social*. Lisboa, nº 34, 1972, p. 311.

e oficiosos”, por lutarem pelo respeito dos direitos que eles diziam ter concedido, porém os desrespeitavam flagrantemente.⁷⁹ Para reforço da hipótese de que não havia qualquer ligação entre sindicalistas e monarquistas, ele argumentava que não queria

o regresso dum tempo de equívocos, quando para fundar a república, o proletariado se esquecia da organização e da luta de classes, ao passo que hoje, desembaraçado o terreno daquela questão política, a experiência em República há de fazer a obra sua.⁸⁰

Esses “equívocos” aos quais Neno Vasco faz alusão ao mencionar o apoio dado pelos trabalhadores aos republicanos na sua luta contra a Monarquia, remetem-nos ao início de seu engajamento com o anarquismo em terras lusitanas. Ele se aproximou, por volta de 1900, de um grupo cujos esforços concentravam-se na crítica do regime monárquico. Esses anarquistas, que ficariam conhecidos pelo epíteto de “intervencionistas”, entendiam que a República era um regime mais “avançado” do que a Monarquia, e que, por esse motivo, deveriam se aliar aos republicanos, socialistas e outros setores radicais com o objetivo de destruir o governo dinástico. Ao discuti-la cerca de dez anos depois, vemos o cronista avaliar a tática por ele utilizada anteriormente como equivocada na medida em que fazia com que o movimento operário se esquecesse dos seus próprios interesses. Seria tentador deixar-se levar pela narrativa do nosso biografado por acreditarmos que nela reside “sua verdade”, o que redundaria, como já advertiu Bourdieu, na “ilusão de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto”,⁸¹ capaz de neutralizar as ambiguidades e tensões que o constituíram enquanto tal.

⁷⁹ VASCO, op. cit., 1913, p. 143.

⁸⁰ Ibid., p. 19.

⁸¹ BOURDIEU, Pierre. op. cit., 2001. p. 184.

Neno Vasco, no momento em que se engajou com o anarquismo intervencionista, não acreditava que a luta contra a Monarquia em favor da República seria equivocada, pois, naquela circunstância, acreditava que a partilha dos mesmos espaços com outras forças políticas poderia ser proveitosa na luta dos trabalhadores pelos seus direitos mais básicos, todos estes inexistentes durante a vigência do regime dinástico,⁸² que poderiam ser conquistados após a instauração do regime republicano. Na realidade, ele passou a entender essa tática como equivocada somente após sua experiência em *terra brasilis*, onde se engajou com o sindicalismo revolucionário, e reteve a ideia segundo a qual os trabalhadores deveriam se organizar em sindicatos para lutar diretamente contra as mazelas impostas pela sociedade capitalista, afastando-se, portanto, da ideia de que o Estado pudesse ser, ainda que taticamente, utilizado para intervir na questão social; o que acabava levando a um determinado colaboracionismo interclassista.⁸³

Aqui, é perceptível a tentativa de Neno em forjar uma autoimagem para o seu leitor, com o objetivo de obter um maior controle sobre o ordenamento da sua história de vida face às mudanças por ele vivenciadas e experimentadas. Esse entendimento, entretanto, não nos leva a acreditar que o autor seja anterior ao texto, “uma essência refletida por um objeto de sua vontade”, mas nem, igualmente, posterior ao texto, “uma invenção do discurso”. Entendemos, junto com Beatriz Sarlo, que o autor se (re)cria na medida em que (re)escreve sobre suas experiências individuais e coletivas. Nesse processo de (des/re) construção da sua subjetividade, nosso biografado foi

hábil para manter o que é e mudar, para recuperar o passado e adequá-lo ao presente, para aceitar o estrangeiro como uma máscara que, por ser coerente, não admitiria no momento em que é aceita, é deformada, transformada ou parodiada para sustentar as contradições libertando-se.⁸⁴

⁸² Ibidem, p. 87.

⁸³ Intervir, mas não resolver, pois o objetivo final não era a instauração da República e, sim, da Anarquia.

⁸⁴ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 34.

O fato de nosso biografado inscrever seu “eu autoral” no texto não significa, entretanto, que a porta da sua história de vida esteja “escancarada”, como se, por detrás dela, existisse um “eu empírico” pleno de sentido e pronto para ser desvelado por este biógrafo. Haja visto que em diversos momentos ele narra episódios nos quais esteve presente, mas não menciona sua participação neles. Um desses episódios é sua experiência como ex-aluno da Universidade de Coimbra, (que não é) levantada nas crônicas sobre as greves (ocorridas em 1911) em que os estudantes dessa mesma universidade reivindicavam reformas de seus estatutos. Como de costume, ele passou em revista vários tópicos das proposições dos manifestantes em sua crônica, mas se reteve com especial atenção a um deles: a facilitação pecuniária dos cursos, que visava auxiliar o ingresso dos alunos pertencentes às classes sociais menos favorecidas no ensino de nível superior. Baseados no decreto de 22 de março de 1911, os estudantes reclamavam que era dever do Estado assegurar a todos os cidadãos, sem distinção de classe, o acesso à universidade, materializando, por assim dizer, a fórmula de Estado integral de Pasteur, que parte do princípio de que todos os indivíduos devem ter o direito de se desenvolver em sua plenitude.

Com sua habitual ironia, Neno argumenta que a noção pasteuriana de democracia, evocada pelos estudantes, demonstrava com meridiana clareza a esperança da população portuguesa no novo regime republicano, que havia sido “maliciosa” e “habilmente” explorada durante a vigência da Monarquia. Essas reivindicações pelas quais se batiam os estudantes eram, segundo ele, puramente ilusórias, na medida em que negligenciavam um fato de fundamental importância: Portugal era um país pobre, pouco avançado industrialmente e com poucas oportunidades de trabalho

Nós vivemos num país pobre, sem indústrias e sem trabalho, onde por isso mesmo as classes dirigentes não tem feito um esforço sério para debelar o mal do analfabetismo. A falta de instrução é uma causa de atraso industrial, mas, é mais causa do que efeito.

Onde quer que, por circunstâncias favoráveis, se haja introduzida uma indústria própria, o analfabetismo tende a desaparecer, porque a produção moderna favorece, e até certo ponto determina e exige, o desenvolvimento da instrução e da educação técnica, ao mesmo tempo que o proporciona aos mais habilitados situações relativamente compensadoras. Comparem-se com outros países industriais, e dentro de cada país, embora rotineiro (Espanha, Itália, etc...) as regiões industrializadas com as que não são.⁸⁵

Em virtude das condições acima traçadas, ele compartilha com seu leitor um cáustico diagnóstico sobre a Universidade de Coimbra:

Entregue um dia aos jesuítas, ali deixaram a marca indelével do dogma, mataram a originalidade e o espírito de iniciativa. Sobretudo a faculdade de direito tem exercido uma ação atrofiante sobre a mentalidade portuguesa, perdeu todo o seu crédito e todo o seu prestígio. [...] A Universidade, especialmente a faculdade de Direito, vive em Coimbra num insulamento egoísta e ignaro, refratária ao moderno espírito, incapaz de acompanhar os progressos científicos dos últimos tempos, teatro de contínuas e ásperas lutas entre as gerações novas e os atavismos medievais [...]. Num país sem indústrias, ou quase, a instrução secundária e superior é um manancial exclusivo de burocratas, politicantes, intelectuais desonestos, que se corrompem e tudo contaminam.⁸⁶

Como se sabe, Neno cursou Direito em Coimbra no período de 1894 a 1900 e possivelmente sofreu os efeitos perversos e insidiosos da cartilha pedagógica ali introduzida pelo jesuitismo. É provável que sua vivência enquanto ex-aluno dessa instituição forneceu-lhe elementos suficientes para elaborar o comentário citado acima, embora em momento algum ele a mencione. Ainda que as experiências individuais e coletivas forneçam a base

⁸⁵ VASCO, op.cit., p. 71-72.

⁸⁶ Ibid., p. 68.

autorreferencial para a realização e o exercício de sua escrita cronística, é interessante notar que Neno nunca se mostra por inteiro nela. Tal constatação leva-nos à seguinte hipótese: se de fato sua escrita cronística é uma escrita de si, fornecendo uma chave que permite adentrar sua história de vida, é forçoso aceitar que ela abre apenas algumas dessas portas; outras tantas permanecem cuidadosamente fechadas.

No entanto, se impelirmos a fechadura dessas portas, que se mantêm cuidadosamente fechadas, vemos surgir um motivo específico para justificar esse esquecimento (in)voluntário por parte do nosso biografado. Ao colocar que em um país pobre como Portugal, o ensino superior abrigava apenas os estudantes mais bem aquinhoados da sociedade lusitana, ele infere que a Universidade de Coimbra poderia criar apenas defensores do *status quo*. Por esse motivo, ele omite sua origem social, temendo que o leitor que o acompanhava pudesse tirar uma conclusão análoga à sua, fato que sua trajetória, paradoxalmente, afirma e nega ao mesmo tempo. Pois é fato que, caso Neno não tivesse vindo de uma família com alguma expressividade financeira, ele teria pouca ou nenhuma condição de ingressar na Universidade de Coimbra. No entanto, já tendo ingressado no curso de Direito, a realidade opressiva existente no interior da referida instituição acadêmica leva-o a refletir sobre as estruturas sociais que a geraram, momento em que se dá seu envolvimento com o anarquismo.

Outra questão teórico-metodológica que não se pode desprezar ao manejar tal chave é a de que a escrita de si do autor não está, de forma alguma, descolada e/ou deslocada de uma “escrita do outro”, como se, depois de abrir a porta de sua história de vida, deparássemo-nos com um Neno Vasco habitando solitariamente um espaço vazio. Uma vez que entendemos o diálogo com o outro como constitutivo do eu, sua escrita cronística não poderia ser problematizada a partir de uma perspectiva que visa explorar as inclinações narcísicas de um suposto ego exibicionista. Antes, procuramos entender o processo de construção de sua subjetividade numa rede social de respostas em face das questões colocadas pelo outro, como sugere oportunamente Leonor Arfuch, remetendo às conceitualizações de Mikhail Bakhtin sobre o caráter eminentemente social da linguagem:

a concepção bakhtiniana da linguagem e da comunicação, sua elaborada percepção do dialogismo como momento constitutivo do sujeito, que permite que nos situemos diante dessa materialidade discursiva, da palavra do outro, numa posição de escuta compreensiva e aberta a pluralidade. Pluralidade de línguas – heteroglosia –, dialetos, gírias, registros, que, longe de construir compartimentos estanques, se cruzam, criando na sua diferença, um sincretismo das culturas. Pluralidade de vozes – polifonia – que marcam os cruzamentos, as heranças, os valores erigidos pela história que não deixa de falar sua própria voz, mostrando o caráter material da vivência, da necessária inscrição da linguagem no seu registro social.⁸⁷

As crônicas de Neno sobre a Revolução Russa de 1917 são, em muitos aspectos, bastante esclarecedoras sobre o que acabei de mencionar acima, mostrando como o seu eu se constrói em sua relação com o outro. Enquanto o *front* da Grande Guerra (1914-1918) ainda se encontrava de pé, bolcheviques, anarquistas e outras forças políticas ativas no interior do movimento operário russo engajavam-se no processo revolucionário que se iniciava naquele país em 1917. Primeiramente, uma questão elementar: qual foi a posição de Neno perante os acontecimentos na Rússia? A pouca definição dos rumos assumidos pelo processo revolucionário por causa do andamento da Grande Guerra levava nosso biografado a manter uma atitude interpretativa de apoio crítico. Em *Com os olhos na epopeia*, ele escreveu uma crônica para *A batalha*,⁸⁸ em que justificava sua posição.

⁸⁷ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 259.

⁸⁸ Originalmente publicada n'*A batalha* e posteriormente no jornal anarquista fluminense *Spartacus*, da qual faço uso. A crônica foi publicada com a seguinte nota: "Transladamos de *A batalha*, de Lisboa, o seguinte artigo de Neno Vasco, redator do importante diário dos trabalhadores portugueses. Neno Vasco, nosso velho amigo, é suficientemente conhecido e estimado em todo Brasil libertário, e não necessitamos recomendar a leitura do seu artigo. Fique esta crônica como palavra de segurança orientação para todos nós que acompanhamos, entre entusiastas e angustiados, o desenvolvimento da Revolução Russa". *Spartacus*, Rio de Janeiro, 20/12/1919.

A burguesia mundial dirige neste momento contra a revolução a tríplice ofensiva geral das armas, da fome e do aleive, antes que se congelem as águas do inverno e se caldeiem pelo os vulcões da solidariedade operária [...] Porque ela vê na convulsão social mais o seu poder de irradiação do que seu valor intrínseco imediato. Por isso, ela acredita que é preciso destruir o exemplo antes que ele frutifique, apagar o foco antes que ele se propague, matar o germe antes que ele desabroche na florescência da vida plena [...], armar a contra-revolução no interior, pagar as guerras no exterior, provocar o terror vermelho, para acusar de terror sanguinário as necessidade da defesa revolucionária [...], estrangular um povo imenso de homens pacíficos, de crianças e de mulheres, com o garrote celerado do bloqueio, para acusar de incapacidade a revolução, privada de todas as fontes e elementos de reorganização social.⁸⁹

Uma vez que o processo revolucionário ver-se-ia sob a ameaça da reação burguesa, ele não vaticinava ao colocar de forma clara e aberta sua solidariedade para com os trabalhadores russos. No entanto, Neno não confundia o anarquismo com o bolchevismo e tinha consciência das profundas diferenças que afastavam essas duas forças políticas atuantes no interior do movimento operário europeu. Numa outra crônica, publicada no ano anterior no jornal *Aurora*, ele revela suas reticências às premissas teóricas que fundamentavam a ação prática dos bolcheviques no que se refere à ditadura do proletariado:

Se fosse abolida a propriedade particular e ficasse um governo, esse concederia privilégios para um partido seu e assim faria ressurgir a burguesia ou uma burocracia rica; se fosse abolido só o governo, em breve o capitalismo faria renascer outro, qualquer que fosse o nome, para lhe garantir privilégios.⁹⁰

⁸⁹ VASCO, Neno. Com os olhos na Epopéia. *Spartacus*, p.1, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1919.

⁹⁰ Apud. SAMIS, op. cit., p. 396.

Diante da iminência de que a revolução poderia ser destruída antes que ela se consolidasse, Neno Vasco tendia a ver como uma questão secundária os aspectos que singularizavam anarquistas e bolcheviques. A esse respeito, ele inclusive endossava o apoio que os anarquistas deram aos bolcheviques a fim de conter o avanço contrarrevolucionário.⁹¹ Em seu ponto de vista, as questões relativas ao método, tática e organização dos dois grupos deveriam ser avaliadas como uma questão interna do bloco revolucionário, devendo, entretanto, ser revistas em um momento posterior à vitória proletária sobre a burguesia.

o dualismo entre a força popular, criadora, orgânica, renovadora dos Sovietes, e as tendências centralizadoras, burocráticas, ditatoriais dum novo governo ou duma nova excrescência política é um problema a resolver entre os revolucionários, vencido o inimigo comum ou assegurada a sua derrota.⁹²

Para elucidarmos a posição de Neno sobre a Revolução Russa, não devemos apartá-la do diálogo com os bolcheviques, pois, embora esse processo revolucionário não respeitasse os princípios essenciais que orientavam o pensamento libertário na sua integralidade, Neno acreditava que os anarquistas não deveriam deixar de apoiá-lo.

É, portanto, no entrelaçamento entre cronista, jornal e leitor que se torna possível inquirir os elementos contidos e expressos em uma escrita de si, permitindo, desse modo, trazer à tona a biografia de Neno Vasco por Neno Vasco.

⁹¹ VASCO, op. cit., 1919.

⁹² Ibid.